

UMA FLOR COM OITOCENTOS ANOS

Melchiades Montenegro

"Língua Portuguesa"

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Flor do Lácio é uma expressão usada para designar a Língua Portuguesa. No poema **Língua Portuguesa**, o autor parnasiano Olavo Bilac faz uma abordagem sobre o histórico do nosso idioma.

Lácio é uma região na Itália central onde se falava Latim, a língua do Império Romano. Muitas línguas derivaram do Latim, como o francês, o espanhol e o italiano; a última delas foi o português. Com a metáfora "última flor do lácio, inculta e bela", Olavo Bilac refere-se ao fato de que a Língua Portuguesa foi a última língua neolatina descendente do latim vulgar, falado pelos soldados da região italiana do Lácio.

A Língua Portuguesa é a Língua que reflete nossa cultura, a Língua na qual nós construímos nossas identidades, com a qual nós nos manifestamos. Por isso Bilac, lá no finalzinho do século XIX dizia que a Língua Portuguesa é nosso esplendor, é nossa glória; sem a nossa Língua nós não seríamos o que somos. Na América do Sul o Brasil é o único país

que fala português. E somos a maioria absoluta no mundo, com duzentos milhões de pessoas falando português.

Voltando ao poema, podemos também entender que no segundo verso, há um paradoxo: “És a um tempo, esplendor e sepultura”. “Esplendor”, porque uma nova língua estava nascendo, ascendendo, dando continuidade ao latim. “Sepultura” porque, a partir do momento em que a Língua Portuguesa vai sendo usada e se expandindo pelo mundo, o latim vai caindo em desuso, morrendo. Mas, continuando no sentido de flor, só existirá uma flor se a sua semente morrer ao germinar.

ORIGEM

À medida que o Império Romano conquistava novos povos, obrigava o uso do latim como língua oficial por toda a extensão das conquistas. Havia duas espécies de latim: o clássico, falado e escrito pelas pessoas cultas, e o vulgar, apenas falado pelo povo. A modalidade imposta aos vencidos era o latim vulgar, usados pelos soldados aquartelados nas áreas invadidas e submetidas a Roma e, como os povos vencidos eram diversos e falavam línguas diferenciadas, o latim sofreu alterações distintas em toda região, o que resultou no surgimento dos diferentes romances nos textos medievais arcaicos, em prosa e verso, com amores e heróis da cavalaria sendo posteriormente substituídos nas diferentes línguas neolatinas.

O latim vulgar persistiu até as invasões, dos grandes bandos de alanos, vândalos e suevos, que a partir de 409 chegaram à Lusitânia, província romana que correspondia ao Centro e sul de Portugal e a Cáceres, Badajoz, Salamanca parte de Segóvia e a região hoje de Madrid na Espanha.

Paulo Orósio, historiador, teólogo, sacerdote e apologista cristão, presbítero de Braga, deixou registrado no seu mais famoso livro, *Historiae Adversus Paganos*, que os bárbaros invasores "*depressa trocaram a espada pelo arado e se fizeram amigos*" dos invadidos. Se organizaram em Estado que abrangia a Galiza e tinha capital em Braga. O reino consolidado, alargou-se depois para o sul do Rio Douro. Neste reino com a influência dos falares bárbaros nasceria a língua e a nacionalidade galaico-portuguesa.

As semelhanças entre as línguas derivadas do latim é impressionante. Com a primeira frase do artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos em várias línguas neolatinas, temos um exemplo disso:

Latim: Omnes homines liberi

Aragonês:Toz os sers umanos naxen

Asturiano: Tolos seres humanos nacen llibres

Auvernês:Ta la proussouna neisson lieura

Corsa: Nascinu tutti l'omi libari

Castelhano: Todos los seres humanos nacen libres

Catalão: Tots els éssers humans neixen libres

Francês:Tous les êtres humains naissent libres

Friulano/Friuliano: Ducj i oms a nassin libars

Galego:Todos os seres humanos nacen libres

Italiano:Tutti gli esseri umani nascono liberi

Judeu-espanhol: Kada benadam i benadam nase

Leonês:Tolos seres humanos nacen libres

Mirandês:Todos ls seres houmanos nácen lhibres

Occitano:Totes los éssers umans naisson liures

Picardo:Tos lès-omes vinèt à monde lîbes

Português:Todos os seres humanos nascem livres

Provençal:Tóuti lis uman naisson libre.

Romanche: Tuots umans naschan libers

Romeno: Toate ființele umane se nasc libere

Sardo: Totu sos èsseres umanos naschint liberos

Valão: Tos lès-omes vinèt-st-à monde lîbes,

Existe entre a população brasileira em geral, um conceito totalmente errado de que a língua portuguesa é derivada do espanhol. A língua espanhola é originária do dialeto falado no Reino de Castela. Até hoje se usa denominar de castelhano o que se fala e escreve no país do Reino da Espanha, ***Hispania***, na época como era conhecida essa província de Roma. Na verdade ambas tiveram sim, a mesma origem, o LATIM VULGAR.

Antes de seguir pelo mundo, a língua portuguesa sofreu durante sua formação e depois dela, a influência da língua árabe, falada pelos mouros. Dominadores do centro/sul de Portugal por vários séculos.

O falar da antiga Lusitânia se difundiu pelo mundo no período da navegação, tempo em que Portugal viveu uma época de proeminência na política e na economia europeia. No século XVI, XVII, os navios portugueses singraram os mares levando consigo a Língua Portuguesa.

O falar lusitano chegou ao Brasil com a colonização, mas o tupi indígena, também conhecida como língua brasílica, foi usado como idioma geral na colônia, ao lado do português, por duzentos e cinquenta anos, graças aos jesuítas que estudaram e difundiram a língua. Até que em 1757, o tupi foi proibido por uma Provisão Real do rei D. José I, por influência do Marques de Pombal, devido a ação desse ministro, o Brasil hoje não é bilingue. Com a expulsão dos jesuítas do nosso território, em 1759, o português fixou-se definitivamente como língua oficial no Brasil.

Atualmente, a Língua Portuguesa é falada por mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo, a grande maioria - quase 200 milhões - no Brasil. Falado nos cinco continentes, o português é a língua oficial de dez países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Ilha da Madeira, Arquipélago de Açores, São Tomé e Príncipe e Timor.

O português é conhecido como "a língua de Camões" (em homenagem ao escritor português Luís Vaz de Camões, autor de *Os Lusíadas*) e "a última flor do Lácio" (expressão usada no soneto *Língua Portuguesa*, de Olavo Bilac, citado no início. Miguel de Cervantes, o célebre autor espanhol, considerava o idioma português "doce e agradável". Em março de 2006, foi fundado o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, a cidade com o maior número de falantes do português em todo o mundo.

No Brasil nossa língua teve dois ingredientes de importância vital, os vários dialetos falados pelos escravos trazidos da África e as línguas dos povos indígenas. Quanto ao primeiro, segundo Gilberto Freyre, o negro escravo, adotou nosso idioma se utilizando de maneirismos no diminutivo coloquial. A influência de vocábulos indígenas se faz sentir principalmente nos topônimos e os africanos na gastronomia. O português do Brasil é bastante diferente do português de Portugal, exatamente por essas influências.

O título desse texto se prende ao **Testamento político do rei D. Afonso II de Portugal, datado de 27 de junho de 1214** e redigido em Coimbra a oitocentos anos. É o mais antigo documento oficial escrito

em galego-português em existência. Embora haja documentos e textos mais antigos, é frequentemente celebrado como o primeiro documento escrito em português. Chegou aos nossos dias através de dois manuscritos, um deles enviado ao arcebispo de Braga e atualmente na Torre do Tombo:

En'õ nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de meus filios e de meus uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda per que depos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este for morto sen semmel, o maior filio que ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegramente e en paz...

O resumo do texto com Português moderno é o seguinte:

Em nome de Deus. Eu, rei D. Afonso, pela graça de Deus, rei de Portugal estando são e salvo, temendo o dia da minha morte, para a salvação da minha alma e para proveito de minha mulher D. Orraca e de meus filhos e de meus vassalos e de todo o meu reino, fiz meu testamento para que depois de minha morte, minha mulher e meus filhos e meu reino e meus vassalos e todas aquelas coisas que Deus me deu para governar estejam em paz e em tranquilidade. Primeiramente mando que o um filho, infante D. Sancho, que tenho da Rainha D. Orraca assuma o meu reino inteiramente e em paz. E se este morrer sem deixar descendentes, o filho mais velho que houver da rainha D. Orraca tenha o meu reino inteiramente e em paz...

Ano de 1214

A literatura portuguesa depois do período dos trovadores e das medievais *CANTIGAS DE AMOR*, *CANTIGAS DE AMIGOS* E *CANTIGAS DE ESCÁRNIOS*, no final da idade média e início do renascimento surgem escritores como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e sobretudo o grande poeta épico Luís de Camões, autor de *Os Lusíadas*. No Brasil seguindo essa mesma linha temos a primeira obra literária brasileira, *A PROSOPOPEIA* de Bento Teixeira. Não é uma grande obra, mas assim como o testamento de D. Afonso II datado de 1214, é o marco da língua portuguesa, o marco da literatura brasileira é a ***PROSOPOPEIA***, publicada em 1601. Ressalto a mais interessante passagem dela:

DESCRIÇÃO DO RECIFE DE PERNAMBUCO

CANTO XVII

*Pela a parte do Sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Céu luminoso mais serena
Tem sua influência, e temperada;
Junto da Nova Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que pela as curvas Naus serve de muro.*

CANTO XVIII

*É este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra, inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Netuno a fúria esquiva.(...)*

CANTO XIX

*Em o meio desta obra alpestre e dura,
Uma boca rompeu o Mar inchado,
Que, na língua dos bárbaros escura,
Pernambuco de todos é chamado.
de Para'na, que é Mar; Puca, rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado,
Que, sem no dirivar cometer míngua,
Cova do Mar se chama em nossa língua.*

No DIÁRIO DE PERNAMBUCO do dia 8 desse mês, Tereza Halliday, publicou um artigo intitulado QUAL PORTUGUÊS? Sobre o que hoje está em moda de incentivar os jovens a escreverem não obedecendo as regras gramáticas. No final ela coloca:

“Sei que a Língua é um naipe de possibilidades, mas sei também do que aprendi como sendo certo e errado. Regras para honrar a clareza, coerência, concisão, elegância. Mesmo na linguagem falada, mais solta e rica de desvios. Agora, já não sei que Português usar.”

Ressalto também a proliferação de formas abreviadas oriundas do uso computador e que está formando uma nova língua: vc, Tb, abs, ã e outras mais.

O falar do Brasil não é homogêneo, nem poderia ser devido a grande extensão territorial e aos aspectos culturais de cada região, notadamente o Nordeste do Brasil, que detêm a mais longeva cultura do nosso país com meio milênio de existência.

Para concluir exemplifico com alguns termos que permaneceram cristalizados no universo do Sertão no Nordeste Brasileiro, tirados do glossário do livro do grande poeta e escritor Carlos Severiano Cavalcanti, SERTANIDADE:

AVOANTE – ave de arribação (da família dos pombos); BABUGEM – erva que brota com as primeiras chuvas no sertão; CABANO – cavalo que tem as orelhas espaçosas abertas para as laterais; CANZIL – cada um dos dois paus da canga, entre os quais, o boi mete o pescoço; ESPARVÃO – tumor que se forma por baixo da curva da perna do cavalo; CHEDEIRO – tabuleiro ou leito do carro de bois; FUEIRO – estaca colocada no Chedeiro do carro de bois para segurar a carga; JEBARA – galhada de árvore abatida presa a ramagens de outras; MINDINHA – avenida de milharal ou de outras culturas, menor que as demais, em decorrência do terreno em nesga; NAIFO ou MÁFEGO – animal que tem uma anca menor que a outra; PENICHO – o dois de qualquer naipe no jogo de sueca; QUICÉ – faca pequena; RUBACÃO – feijão e arroz cozinhados juntos; SANGA – passagem estreita em forma de S nos cercados; TAMBOEIRA – sabugo de milho que não criou grãos. ZINEBRA – espécie de aguardente.

Discorri até agora sobre a origem, a certidão de nascimento, o desenvolvimento, algumas críticas e um vocabulário. Concluirei tratando sobre o sotaque.

Ressalto que se Olavo Bilac elegeu o português a ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO, a gramática e a sintaxe são o caule e as folhas dessa flor, as pétalas são as obras literárias, o aroma que dela espargi é sua expansão pelo mundo e o néctar é o nosso doce e melodioso sotaque nordestino.

SALVE A LÍNGUA PORTUGUESA!